

MATADOR

Foi só porque já estou velho
senão, você é que estava
aqui, de cara pra cima,
vendo o ar ficar vermelho
e tendo na boca o gosto
da vida que desanima...
Tem um níquel? Oh, por Deus,
põe êle na minha mão,
vou ver se compro no céu
a minha absolvição.

(Roque se ajoelha. Dá o níquel.)

Morro, foi melhor assim.
Pode contar por aí
que ao se findar o Natal
morreu pela sua mão
o terror dêste sertão,
chamado Quinca Bonfim.

ROQUE

Que disse? Quinca Bonfim?
Mas então, é... é... meu pai!

(Beija o Matador. Levanta-se e chora. Um tempo. Pára de estalo. Olha bem o Pai.)

Pô, papai... até que enfim!

FIM DO PRIMEIRO ATO

Segundo Ato

Abre. Estão em cena Nei Requião, Zulmirinha Requião e o Desembargador. Zulmirinha se olha num espelho. Maleta de maquilagem no colo. Malas no chão. Desembargador tosse muito. Nei dá-lhe tapinhas nas costas.

NEI REQUIÃO

Água! Ei! Um copo d'água!

Vespertina! Vespertina!

É a dona dêste hotel.

Ah, mas nem uma empregada!

Isto parece é cantina.

(Ao Desembargador.)

É, meu Desembargador,
mais fácil é ir a Havana
do que conseguir chegar
a uma usina de cana.

DESEMBARGADOR

Viagem muito agradável,
muito agradável, pois não...

(Tosse às lágrimas. Toma tapas.)

NEI REQUIÃO

Vou lhe mostrar a culpada:
Zulmirinha Requião.
Ela nos meteu na estrada.

ZULMIRINHA

Ah, que coisa indelicada.

(Fala e se maquila.)

Eu não obriguei ninguém.
Esperam sua chegada
hoje, na Usina, meu bem.
Pois é, muita gente ainda
nem batizou os filhos
esperando o Nei chegar.

NEI REQUIÃO

E a campanha eleitoral?
Tinha de estar na cidade
tratando do principal.

(Zulmirinha olha. Não responde.)

ZULMIRINHA

E o meu delineador?...

(Levanta.)

Eu vou à feira comprar
santos e velas pro altar
da capela lá da Usina.

(Sai.)

NEI REQUIÃO

É uma mulher bonita.

DESEMBARGADOR

Permita-me concordar.
Bem bonita e muito fina.

NEI REQUIÃO

É, mas sempre assim, aflita.
Caridade sem parar.
É este o seu grande mal.
A caridade é pecado,
pecado de primeiro grau.
Dizem: povo pouco tem.

DESEMBARGADOR

E é verdade... ou não é?

NEI REQUIÃO

Não.

DESEMBARGADOR

Também acho.

NEI REQUIÃO

Pois bem,
não tenho filhos, você
tem?

DESEMBARGADOR

Eu não sei, não garanto...

NEI REQUIÃO

Eles têm dez, doze... Têm
direito de parir tanto?

DESEMBARGADOR

Crescei e multiplícai...

NEI REQUIÃO

Ah, cresci e devorai!
Crescei, jantai, almoçai!
Temos que lhes dar trabalho
e então mantemos essas
plantações de algodão
que não dão nada, não dão!
Vivemos a dar empréstimos
ao Coronel Honorato
que pega nosso dinheiro
põe na mão do Senador
que é o seu candidato!

DESEMBARGADOR

Isso é um fato! É um fato!

NEI REQUIÃO

Elegi o governador.
Foi o mesmo desespéro:
com medo de sindicato,
aumento pra funcionário,
foi só isso o tempo inteiro!
Ah, eles fazem os pobres
e depois têm medo deles.

DESEMBARGADOR

Assim que eu penso também.

NEI REQUIÃO

Quero então o seu apoio.

DESEMBARGADOR

Eu apóio e digo amém.

(Vespertina aparece com cara de sono. Um copo d'água.)

VESPERTINA

Ei, olha aí o copo d'água

(Vem vindo. Repara que é Nei Requião. Vespertina deixa cair o copo no colo do Desembargador.)

DESEMBARGADOR

Mas o que é isso?

VESPERTINA

Nei.

NEI REQUIÃO

Como vai, Vespertina, bem?

VESPERTINA

Bem...

DESEMBARGADOR

Senhora, me molhei.

NEI REQUIÃO

São nove anos.

VESPERTINA

Engordou.

DESEMBARGADOR

Atenção, eu me molhei.

NEI REQUIÃO

Essa é Vespertina.
Eu pernoitei muito aqui
no tempo da Medicina.

DESEMBARGADOR

Muito prazer. Me molhei.

VESPERTINA

Não reparo, papa-fina.

NEI REQUIÃO

O pomar ainda está lá?

VESPERTINA

Lembra do pomar, Requião?

(*Vão saindo.*)

NEI REQUIÃO

Mas eu nunca me esqueci...

VESPERTINA

Lembra as férias no verão?

(*Saem. Um tempo grande.*)

DESEMBARGADOR

Ê, parece, mas não vou
fazer monólogo, não.

(*Entra o Coronel. Coberto de pó. Se bate. Furtado vem
atrás com malas.*)

CORONEL

Vespertina! Vespertina!
Cheguei com a minha trouxa.
Quero um bom quarto e comida.
e contemplar essa coxa.
Ei, venha cá, sua bandida!

(*A Furtado.*)

Ué, onde está Bizuza?

FURTADO

Foi à missa com Mocinha.

CORONEL

Ah, aquela desgraçada
viciou-se em ladainha.
Vespertina! Vespertina!

(*Furtado vê o Desembargador.*)

FURTADO

Mas, ó, que grande prazer,
é o Desembargador.

(*Cumprimenta. Apresenta.*)

Já conhece o professor?

(*Ao Desembargador.*)

O Coronel Honorato.

CORONEL

Professor, a honra é minha.
Coronel Félix... ué...
mas éste é o Melequinha!

DESEMBARGADOR

Ora, ora, Félix...

FURTADO

Mas...

CORONEL

Melequinha! Melequinha!
Mas há mais de vinte anos.
Foi meu juiz em Varginha.
Remanchava em minhas causas,
sempre um erro, uma coisinha,
só dava ganho à questão
com quatro jantares, cartas,
sim, de recomendação,
uma rabada, galinha...
ai, ganhou o apelido,
não foi assim, Melequinha?

DESEMBARGADOR

Sabe? Não estou lembrado...

CORONEL

Vou pra cidade, Meleca,
articular a eleição
do Senador. O Requião
vai sofrer que só peteca,
vai gemer na minha mão.
A coisa vai indo bem,
apoio temos bastante
mas conto com o seu também.

DESEMBARGADOR

Eu apóio e digo amém.

(Vespertina entra rindo. Coronel corre e se atraca nela.)

CORONEL

Minha doce Vespertina!

VESPERTINA

(Ao público.)

Meu Deus, esse quem será?
Recordar é minha sina.

CORONEL

Gorduchota. Gorduchota.

VESPERTINA

Quem será esse beato?
É o marido da Cota?
Hum. O Félix Honorato.
(Nei Requião entra.)

Chi, vai virar a compota.

(Só o Coronel não percebeu Requião. Dá uns beijos e beliscões em Vespertina. Percebe. Um tempo longo de silêncio.)

NEI REQUIÃO

Ah, Vespertina, querida,
como seu hotel ficou
assim tão mal frequentado?
(Pausa.)

CORONEL

É, é mesmo, Vespertina:
tem até ladrão do Estado.
(Pausa.)

NEI REQUIÃO

Não, Vespertina, ladrão
ainda vá lá, mas não pode
é plantador de algodão.

CORONEL

Foi-se. Entornou-se o caldo.

Dobre a língua, Requião!
ou eu lhe deixo na cara
os cinco dedos da mão!

NEI REQUIÃO

Que rico vocabulário,
cada frase, uma vinheta.
O senhor foi convidado
a ingressar na Academia?
A Brasileira de Letras?

CORONEL

Onde é esse lugar?
Vou lá, mijo nas gavetas.

DESEMBARGADOR

Mas na Academia?
É uma heresia!

FURTADO

Desembargador,
é uma imagem,
é uma imagem!

(Todos seguram o Coronel e Nei. Desembargador foge.)

CORONEL

Vem, vem, Requião
se tem coragem!

(Separam. Levam o Coronel para um canto. Zulmirinha entra.)

Estou me sentindo mal,
traz o meu Urodonal

(Todos abanam o Coronel.)

ZULMIRINHA

O que foi que aconteceu?

NEI REQUIÃO

Não foi nada. É o Honorato.
Ele ainda não morreu.
Fêz suas compras, querida?

ZULMIRINHA

Fig. E os pacotes são tantos,
nem podia carregar.

Mas um môço apareceu
e aí vem trazendo os santos,
o pai morreu emboscado,
ficou por aí vagando
com um outro, desempregado.
Olhe, ele está chegando
com as compras e seu criado.

(Entram Brás das Flores e Roque com embrulhos.)

Veja como ele é delgado.

(Nei Requião cumprimenta, os dois respondem. Nei fala para o público.)

NEI REQUIÃO

Ai, ai, meu Deus, lá vem ela.
Vai já me pedir emprêgo
para esse maruela.

(Roque, Brás, Coronel, nesse instante se olham. Um tempo rápido. Os dois se escondem atrás dos embrulhos. Coronel e Furtado se encaminham lentamente para para os dois, que procuram fugir.)

ZULMIRINHA

Quião Quião? Meu Quião?

Será que você podia
tratar uma ocupação
para aqueles dois rapazes?

(Nei fala ao público.)

NEI REQUIÃO

Eu não disse pra vocês?
É o décimo do mês...

(Brás das Flores, com a proximidade do Coronel, foge.)

BRÁS DAS FLORES

(Cantando.)

Até logo, seu.
Sabe? Me esqueci
que tenho um encontro
com o Zebedeu.

*(Sai. Cruza com Mocinha. Roque ao ver Mocinha deixa
cair os embrulhos. Mocinha, ao lado de Bizuza, ao ver
Roque, grita.)*

CORONEL

Que foi que houve, Mocinha?

MOCINHA

Nada.

CORONEL

Nada?

MOCINHA

Nadinha.

*(Coronel olha e vê Roque, que faz sinais para Mocinha
não falar nada.)*

88

CORONEL

Olha o desgraçado.

*(Corre. Roque escapa. Todos correm atrás de todos e
cantam. Desembargador se esconde.)*

CÔRO

(Cantam.)

Pega. Pega. Pega.
Larga. Larga. Larga.
Pega êle pra mim!
Solta êle por mim!

*(Nei Requião defende Roque, Coronel quer alcançá-lo.
Roque, em determinado instante, pula numa cadeira.)*

ROQUE

Ei! Olha o trem! Olha o trem!
Hora do trem, minha gente!
Só pega lugar bom quem
chegar primeiro na frente
e rente que nem pão quente.

*(Todos param. Um tempo. Movimentam-se para sair.
vão saindo, pegando malas, etc. Ficam por último, De-
sembargador e Bizuza que se olham, Bizuza baixa os
olhos. Roque ainda beija Mocinha e foge. Um tem-
po. Todos voltam. Passam pelo palco e vão para
dentro do Hotel.)*

ZULMIRINHA

Mas que trem? Não vou de trem?

NEI REQUIÃO

Por aqui não passa trem.

89

CORONEL

Cheguei não faz uma hora,
como é que eu já vou embora?

VESPERTINA

E eu que moro aqui mesmo,
para que vou tomar trem?

(Vespertina agora canta e prepara as camas para a próxima cena. Canta e muda o cenário.)

(Canta.)

Coisa mais gostosa é uma caminha
fresca e limpinha
cheirando a flor.
Deitar na cama
fresca e limpinha
ainda é melhor.

Mas, bom mesmo é, depois
de arrumada a cama,
a gente se deitar a dois.

Coisa mais sem graça
é numa cama

fresca e limpinha
dormir sòzinha.

(Reversão de luz. Roque e Brás das Flores estão na porta do hotel. Pé ante pé.)

BRÁS DAS FLÔRES

Mas aonde você vai?

ROQUE

Vou ver se vejo Mocinha.

BRÁS DAS FLÔRES

Roque, não faz isso, não.

Já dizia minha avó:
peixe morre pela boca;
homem, de fornicação.
Assim, você pretender
dormir de nóvo com a môça
é pecado de ambição.

ROQUE

Mas é noite de verão...
Fica de olho pra mim
e qualquer coisa me avisa.

BRÁS DAS FLÔRES

Qualquer coisa, eu dou na pisa.

(Roque vai saindo.)

Fi...

(Roque pára.)

É o quarto da ponta.

Ei... depois você me conta...?

(Reversão de luz. Coronel, de camisola, pé ante pé, cantarola.)

CORONEL

Noite de verão,
de verão, verão.
Noite de paixão,
de paixão, paixão.

(Reversão de luz. Nei Requião, de robe de chambre, elegantíssimo, também anda pé ante pé.)

NEI REQUIÃO

Noite de verão,
de verão, verão.

(*Reversão de luz. Furtado de pijama, também cantarola em boca chiuza. Reversão de luz. Roque, pé ante pé, passa na porta do quarto de Zulmira, ela também canta, penteando-se. Na cama, de camisola. Olham-se. A música pára. Um tempo. Cumprimem-se. Um tempo. Roque segue. A música reinicia com Zulmirinha. Reversão de luz. De agora em diante a luz é geral, para todos, que a cada momento batem num quarto e caminham com todo o cuidado. Na porta do quarto de Vespertina, Coronel chega, bate na porta. Cantam.*)

VESPERTINA

Quem é?

CORONEL

Fêlizinho.

VESPERTINA

Espere um minuto.
Só um minutinho.

CORONEL

Sim, espero, amada.
Vou até a cozinha
tomar uma gemada
e volto correndo
com paixão dobrada.

(*Sai. Um tempo, chega Nei Requião. Bate na porta. Cantam.*)

NEI REQUIÃO

Doce Vespertina.
Ó, doce menina.

VESPERTINA

Espere, Requião,

ó, doce paixão,
vou pôr um roupão.

(*Nei olha para os dois lados e com uma enorme elegância, cantarolando, abaixa-se e olha pelo buraco da fechadura. Roque se aproxima. Requião, sai, disfarçando dor nos rins.*)

NEI REQUIÃO

(*Canta.*)

Mas que dor, que dor,
ai que dor nos rins.
Boa-noite, rapaz,
sinto uma dor atrás.

(*Sai. Roque continua, cantarolando. Chega a uma porta. Bate.*)

Mocinha. Mocinha.

MOCINHA

Roque?

ROQUE

E'.

MOCINHA

Ah, Roque!

ROQUE

Meu amor!

Amor!

(*Roque ouve passos. Sai rápido. Furtado chega, cantarolando. Bate na porta.*)

MOCINHA (*Canta.*)

Entre, vem, vem cá.

Mas um beijo só.
Mãe foi ali
mas volta já.

(Furtado ouve isso, olha o público, dá um grito de vitória. Vai entrar. Coronel chega. Furtado emenda o seu urro de espanto que rápido se transforma num urro de agradável surpresa por encontrar o Coronel.)

FURTADO

Ah, ó, Coronel...
Mas que coincidência.
Vim lhe procurar.

CORONEL

Pra quê?

FURTADO

Imagine...

CORONEL

Que quer me falar?

(Furtado grita de dor.)

FURTADO

Ai, era essa dor...
Ai, dor de matar...

CORONEL

Onde dói, rapaz?

FURTADO

Aqui, aqui, tanto faz.
Ai, dor desalmada.

CORONEL

Vem, vem pra cozinha
tomar uma gemada.

(Sai com Furtado. Roque vai sair de seu lugar, volta. Bizuza entra no quarto com um penico na mão. Roque sai. Furtado volta. Bate na porta. A porta se abre. Bizuza lhe entrega o penico. Apaga a luz toda. Um tempo rapidíssimo. Acende de novo. Coronel pé ante pé, cruza com Roque.)

Ó, boa-noite, Roque.
Mas que noite, há.
Noite como essa
não tem em estoque.

(Roque respira aliviado. Sai. O Coronel cruza com Furtado com o penico na mão.)

Isso, vá evacuar
e logo vai melhorar.

(Prossegue. Na porta de Vespertina, acende um fósforo. Requião acende outro no mesmo momento. Olham-se. Vão discutir. A porta de Vespertina se abre. O Desembargador sai de costas, de cueca. Dá beijinhos em Vespertina. Vira-se para ir embora.)

DESEMBARGADOR

Noite de verão,
de verão, verão...
Ó, senhor Requião...

(Longo silêncio, constringedor.)

Parece cueca
mas é calção...
(Sorrisos.)

Dona Vespertina está
com uma dúvida insana
me chamou no meio da noite
pra saber se deve ou não

pagar a undécima urbana...
tem de pagar os impostos
até o fim da semana...

NEI REQUIÃO

Sim, a undécima, decerto...

(Silêncio. Oferece um charuto ao Desembargador.)

Ei o que respondeu, doutor?

DESEMBARGADOR

Obrigado... bem eu disse:
"preciso ver o decreto...
acho que está em vigor..."

(Contrariados, sentam-se. Fumam charutos.)

CORONEL

Mas há um nóvo projeto...

DESEMBARGADOR

É. Preciso examinar...
me parece que houve veto...

(Apaga a luz. Abre no quarto de Mocinha. Bizuza dorme. Mocinha e Roque se beijam.)

MOCINHA

Louco, vá-se embora.
Mamãe logo acorda.
Você corre mundo
e sou eu quem chora.

ROQUE

Beijo devagar.
Hein? Bem de mansinho?

MOCINHA

Então, está bem.
Bem devagarinho.

(Começam a se beijar devagar. Mocinha começa a gemer. Os dois gemem. Rolam. Caem em cima de Bizuza. Roque foge. Deixa as duas embrulhadas. Roque encontra Furtado.)

ROQUE

Mocinha lhe chama.
A dona Bizuza
dorme a sono sóto.
Não sai mais da cama.

(Furtado nem vê direito quem falou. Entra correndo no quarto com o penico na mão. De debaixo de Mocinha Bizuza aparece com um revólver. Furtado, um tempo, mostra o penico.)

FURTADO

Vim devolver...
Já usei... foi ótimo...
Boa-noite... prazer...

(Sai correndo. Reversão de luz. Desembargador ainda fala. Coronel cabeceia de sono. Requião finge que presta atenção mas de vez em quando olha o público e faz cara de cheio.)

DESEMBARGADOR

Dizem uns historiadores
que a undécima urbana
é da era medieval;
outros, que a sua origem
é na Grécia Meridional,

mas é sem dúvida, sempre,
impôsto de uso feudal...

(Reversão de luz. Zulmirinha sentada na cama. O pente caído. Suspira. Roque passa. Um tempo grande. De longe, vem a voz distante do Desembargador.)

ZULMIRINHA

Pobre de seu pai, coitado.

ROQUE

Pobre de quem? Como disse?

ZULMIRINHA

Seu pai... morreu emboscado...

ROQUE

Morreu como? Ah, sim, papai...

(Zulmirinha meio chora. Roque lento, vem, senta-se ao lado dela. Ela, chorando no seu ombro. Roque olha o público feliz.)

ZULMIRINHA

Foi de tiro ou de facada?

ROQUE

Como?... foi... foi misturado.

(Zulmirinha o beija. Beijam-se. Deitam-se, Roque fala outra vez para o electricista do teatro.)

Êta nós, meu povo.

Apaga de nôvo!

(Apaga a luz. Um tempo. Acende na porta de Vesperti-

na. Coronel e Nei Requião, com sono, chegam juntos na porta. Coronel cantarola lento. Olham-se longo tempo. Jogam par ou ímpar. Coronel ganha. Nei sai. Coronel bate. Quem abre a porta é Brás das Flores de cueca.)

BRAS DAS FLÔRES

Koa-noite. Que quer? Que sina!

CORONEL

Boa-noite, Brás das Flôres.

Me chame aí a Vespertina,
quero falar...

(Acorda.)

Brás das Flôres!

(Lembra que viu Roque.)

Roqueeeee!

(Sai correndo. Todos os personagens saem correndo, mudando a cena. Brás das Flôres volta. Arruma o cenário da usina e fala com o público.)

BRÁS DAS FLÔRES

Bom, e para os cavalheiros

que no correr do espetáculo

perguntam a toda hora

"Hein? Que aconteceu agora?"

"Que foi mesmo que êle disse?"

"Não ouvi direito, ora"

"Não compreendo essa peça,

saio e te espero lá fora".

A êsses agitadores

vou dar uma explicação

sem nada aumentar no ingresso,

simples bonificação.

Pois bem, depois desta cena

de mui alta sacanagem

prosseguimos a viagem viemos aqui pra Usina, a Usina Requião, famosa... e melhorou muito a minha situação pois sou amigo de quem papa a mulher do patrão. Mas José Porfírio vai aparecer e de novo teremos complicação. Segue a peça com mais uma cena de fornicação.

(Sai. Entra Zulmininha, envolvida só com uma toalha. Calça, camisa e botas na mão. Uma ladainha longe. Barulho de chuveiro mais perto. Zulmininha impaciente.)

ZULMIRINHA

Seis horas. Vamos com isso. Já começaram a rezar. Tenho que ir pra capela que vamos inaugurar.

(O barulho do chuveiro parou. Um tempo. Roque aparece, meio encabulado, vestido num enorme pijama. Sorri para ela. Calça e camisa velha na mão. Zulmininha lhe entrega as roupas.)

Tome. Veja se consegue ficar bem, se apresentar limpo para os batizados que já, já vão começar. Não, não, não, não me agradeça. Você só virá aqui se, por acaso, eu chamar. Amanhã, vai trabalhar.

(Sai. Roque olha o público. Não entende. Brás entra, bêbado. Vê Roque com pijama. Morre de rir. Roque não acha graça.)

BRÁS DAS FLORES

Papou filha de doutor, enfrentou o pai a faca e terminou gigolô.

(Morre de rir. Roque não acha graça. Olha para fora.)

ROQUE

Olha o administrador.

BRÁS DAS FLORES

Pronto, aí, aí, meu Deus do céu! Acuda Nossa Senhora.

(José Porfírio entra.)

JOSÉ PORFÍRIO

Vou contar quem é você quando chegar o patrão. Vai rir muito na cadeia que é lugar de ladrão.

ROQUE

Brás das Flores, vamos, tenha um pouco de educação. Esse môço está falando com você, preste atenção.

JOSÉ PORFÍRIO

Tou falando com você, ouviu?

ROQUE

Mas como eu dizia, sabe o que eu descobri

de manhã, quando cheguei,
conversando aqui e ali?
(*Brás meio ouve, meio dorme.*)

O administrador daqui
desta Usina rouba Nei
mais que ladrão de galinha.
Perdoe a dura expressão
mas não passa de um sacana.
Ele fica com uma parte
de cada feixe de cana.

(*Porfírio vê até Roque, examina-o com falso cuidado.*)

JOSÉ PORFÍRIO

Mas veja só que embrulhada.
Agora estou dando conta
que confundi o senhor
com um outro camarada,
um que se passou por cego
e não era cego nada.

ROQUE

Ó, mas fingiu-se de cego?
Pessoa desaturada!

JOSÉ PORFÍRIO

Está chegando o Requião.
Você vai mesmo contar?
(*Nei e Desembargador entram.*)

ROQUE

Olhe aí o doutor Nei.
Doutor Nei, estou dizendo
ao nosso amigo Porfírio,
êle insiste pra eu ficar
morando na casa dele.

É coisa que não convém,
vim aqui pra trabalhar
não, pra incomodar ninguém.

NEI REQUIÃO

Aceite, rapaz, aceite.
Porfírio gosta de alguém,
logo se põe a ajudar.

ROQUE

Está certo, já que insiste
eu vou lá morar contigo.

(*A Nei.*)

Como se foi nas andanças?
Como vai nossa eleição?

NEI REQUIÃO

Vai com muitas esperanças...

(*Ao Desembargador.*)

É, por causa da Zulmira,
tenho de agüentar
esse rapaz ziquezira.
Temos de nos aprontar,
vamos, Desembargador.

(*Saem. Roque atrás.*)

Você está muito engraçado
usando êsse meu pijama.

(*Desembargador olha o público.*)

DESEMBARGADOR

Usa apenas o pijama

ou também lhe usa a cama?
(*Entram. Brás dorme.*)

JOSÉ PORFÍRIO

Ai, ai, diabo, eu só não digo um puta palavra devido ao distinto público que assiste a essa sessão.

(*Entra um camponês.*)

DELATORZINHO

Oiça, seu Porfírio.
Oiça, seu Porfírio.
O Rodrigo juntou um bando zangado, vão no Pontão...

JOSÉ PORFÍRIO

Pra falar comigo, eu já não lhe disse? De chapéu na mão!

(*Delatorzinho tira o chapéu.*)

Hã, Delatorzinho?

DELATORZINHO

Rodrigo mais Zeca soube que chegou mais uns retirantes que vêm trabalhar na Usina, de graça, por janta e cachaça. Aí, Rodrigo disse: "Chega de corumba! Eles vêm ocupar o nosso lugar! Só entram na Usina

passando por cima da minha tumba!" Juntou-se um bando foram pro Pontão, tudo de porrete dizendo que lá não passa alfinete quanto mais corumba. Acho bom o senhor chamar a polícia descer o cacete.

JOSÉ PORFÍRIO

Claro, vá chamar o "seu" delegado.

(*Delatorzinho vai sair.*)

Espera, imbecil, não seja apressado. Eu tenho lá dentro um nôvo empregado, muito esperto, muito desembaraçado. Quero ver se dá conta do recado. Pode ir embora.

DELATORZINHO

Não vou ser despedido não é, não, seu Porfírio?

JOSÉ PORFÍRIO

Tá bem, tá bem, não vai dedo-duro mal parido.

DELATORZINHO

Ahn, ahn, muito agradecido.
(*Sai.*)

JOSÉ PORFÍRIO

Agora pego esse covarde.

É um safado primário.

Não sabe que está lidando
com um safado honorário.

*(Entram Desembargador, Nei, Zulmirinha e Roque
vestidos para a festa. Roque com as roupas que ga-
nhou. Zulmira, caridíssima, de véu. Vêm falando.)*

NEI REQUIÃO

Está linda, Zulmirinha.

DESEMBARGADOR

Sim, linda como uma fada,
Só lhe faltando a varinha.

(Ao público.)

Hum, que fala mais mesquinha...

(Porfírio vem a Roque.)

JOSÉ PORFÍRIO

Olhe aqui, ó, meu rapaz,
com essa elegância tão
bem na frente como atrás,
você deve ir para a festa
e se divertir em paz.

(Roque não entende nada.)

Veja, doutor Requião,
êle insiste em começar
a trabalhar hoje mesmo
para mostrar que é capaz.

ZULMIRINHA

Não lhe disse? Não é como

os outros, de arrumação.

(A Porfírio.)

Se êle quer ir, deixe ir.

NEI REQUIÃO

Ê. Pois deixe.

(A Roque.)

Eu lhe agradeço.

ROQUE

(Ao público.)

Ai que me pegou o cão,
mas estamos no comêço.

(A todos.)

Festas, há muitas a gozar.
Reconhecimento, poucas
vêzes se pode mostrar.

(Zulmira, orgulhosa. Nei, cheio.)

JOSÉ PORFÍRIO

Ê, muito bem, já que insiste.

Ê uma servicinho leve:

é buscar uns empregados

no Pontão, recém-chegados.

Fica a três léguas e meia

no limite onde começa

a propriedade alheia.

Pode usar o meu cavalo.

(Põe a mão no ombro de Roque.)

Rezo a Deus para ajudá-lo.

ZULMIRINHA

Adeus, faça bom serviço.

ROQUE

(Despede-se. Saindo fala para o público.)

Nessa eu entrei de gaiato.
Vamos ver em que dá isso.

(Roque sai. Os outros vão saindo. José Porfírio olha o público feliz.)

BRAS DAS FLÓRES

(Ao público.)

Ao que deduzi do enrêdo
que acompanhei em segrêdo,
Roque vai tanto apanhar
que nem vão lhe sobrar dedos
para as porradas contar.

(Ri. Pára. Pensa.)

Eu vou avisar o Roque,
tenho-lhe muita amizade.
Não vou. Felizmente, mais
que amizade, tenho medo.

(Dorme de novo. Apaga a luz. Acende rápido. Entram cinco vultos.)

RODRIGO

Nenhum corumba entra aqui.

CAMPONÊS 1

Não vão tomar nosso emprêgo.

CAMPONÊS 2

Se alguém botar o nariz
apanha até ficar cego.

CAMPONÊS 3

Vão pra cidade esmolar.

RODRIGO

Ôlho firme, sem piscar.

(Escondem-se. Roque entra. Ruído de grilos. Muito escuro. Roque se esforça para ver.)

ROQUE

Êta escuridão danada.
Parece que estou vendado.
Já sei o que quer Porfírio:
que eu não ache os empregados,
volte de mãos abanando.
Fico desmoralizado
e aí sou logo cortado.
Puxa, mas que escuridão.
Onde fica o tal Pontão?
Ei, que aí vem vindo gente.
Vou chegar e perguntar.

(Chega perto. Todos de porrete.)

Favor, podia informar.

(Os cinco caem de pau em cima dele.)

OS CINCO *(Cantam.)*

Tome, tome, tome, tome paulada.
Tome, tome, tome, tome paulada.
Está na roda, agüente, não pule nem nada.
Não venha de banda jogar perna trançada.

ROQUE

Sou o herói da peça.
Não me fica bem
apanhar à beça.

(*Entra Brás correndo.*)

BRÁS DAS FLÓRES

Não, não estou aqui de arrependido.
É que fico sem rumo e sem vintém
se na briga me matam esse bandido.
Ei, olha o trem, olha o trem!
Está na hora do trem!

(*Param de bater.*)

RODRIGO

Vi o comêço do ato,
conheço o truque também.

(*Voltam a bater.*)

BRÁS DAS FLÓRES

Ei! Vocês nem sabem quem
é êsse que estão surrando!
Pois é o famoso Roque,
o Roque, estão duvidando?
Fêz a filha do Honorato,
é verdade, *ipso facto*,
e matou Quinca Bonfim!

(*Todos param. Ajudam Roque a se levantar. Roque está moído.*)

RODRIGO

É o Roque? Do Honorato?

(*Roque faz que sim.*)

Muito prazer.

ROQUE

Muito grato.

RODRIGO

Sou Rodrigo. Êsse é o Zeca.
O Manuel, Zé, Nicolato.

ROQUE

Batem com muita firmeza.

RODRIGO

Ora, ora é gentileza.

ROQUE

Bem, ficamos camaradas,
me desculpe perguntar:
queria saber por que
me deram tanta pancada?

RODRIGO

Porque, sem dúvida, foram
porradas equivocadas.
Tôda a vez que a sêca é forte,
do alto do sertão vem pra cá
gente que perdeu a sorte.
Vêm para a zona da cana
trabalhar só por comida
sem nem receber dinheiro
pra continuar com vida.
E ocupam nosso lugar.

CAMPONÊS 1

Vieram duzentos primeiro.
Porfirio fêz como sempre:
abriu vaga pros corumbas
mandando embora da usina
todos que eram solteiros.

Nada valeu reclamar.
Lá no Pontão, mais de cem
corumbas chegaram agora
e Porfírio já afirmou
que recebe eles também,
que manda embora os casados
com mulher filho e terém.

RODRIGO

Nos juntamos pra barrar.
Cinco em cada encruzilhada
e decidimos que aqui
só entra mesmo corumba
quando o cachorro passar
por cima da nossa tumba.

ROQUE

Vem comigo, camarada.
Deixe a turma engatilhada.
Quero ser mico de feira
se não resolvo a parada.

*(Sai com Rodrigo e Brás. Os quatro que ficam sorriem.
Reversão de luz. Estão Nei Requião e Zulmirinha. Zul-
mirinha com roupas na mão, acaricia Nei Requião en-
quanto ele fala com Roque.)*

NEI REQUIÃO

Não, meu filho, não é José Porfírio, não.
Sou eu mesmo quem manda aceitar os corumbas.
Sabe donde eles vêm? Donde veio, do mato,
das terras de homens como Félix Honorato.
Chegam aqui com fome, iguais sacos vazios.
Já viu a fome frente a frente, hein? Não minta.
Eu comi fome na Revolução de Trinta.
Entende agora que eu não posso deixar ir
essa gente que vem sem teto e sem comida?

ZULMIRINHA

E as mulheres famintas que no colo trazem
os filhos a morrer ou mesmo já sem vida.

NEI REQUIÃO

Sou obrigado, assim, aos outros despedir.
Êses tiveram até então uma guarida,
comeram até aqui, agüentam um pouco mais.
Se os corumbas enxoto, o que acontece, então?
A Usina Parati os pega e a Passo Fundo,
Votorantin, Cajá, Cardoso, Riachão,
tôdas! Vão produzir mais barato e eu me afundo!
Com eles se consegue açúcar mais barato
para enfrentar a concorrência de São Paulo.
Se São Paulo tomar de nós todo o mercado
de açúcar, só nos restará fechar o Estado.
Talvez seja melhor, ninguém mais vai brigar
e o trabalho final será nos sepultar.

(Pausa longa.)

ZULMIRINHA

Olhe aí mais estas roupas
Não vá se rasgar de nóvo.

*(Roque pega as roupas. Um tempo. Zulmirinha canta.
Roque vai saindo. A luz apaga. Zulmirinha continua
cantando mais alto.)*

As coisas da vida, são coisas da vida,
são coisas da vida, não fique sentida
que são, são as coisas da vida, são,
muita coisa não pode ser resolvida
porque são as coisas da vida que são as coisas da vida.

(Acende. Rodrigo está arrumando um matolão. Sua mulher, espera, com um filho no colo. Roque e Brás entram.)

ROQUE

Oi, já falei...

RODRIGO

Ah, falou?

ROQUE

Eu demorei? Demorei?

RODRIGO

Hein? Não sei, pois não contei...

ROQUE

Olhe, não sei se entendi mas os corumbas... não sei... os corumbas têm que vir... eles têm fome também... para enfrentar a concorrência de São Paulo... é fácil de perceber, é difícil de entender... É...

RODRIGO

Pois é...

ROQUE

Pois não é?

Mas que está fazendo aí?

114

RODRIGO

Porfírio mandou-me embora.

ROQUE

E você vai? Sem reagir?

RODRIGO

Se não vou, chama a polícia. Eu ficava mesmo assim. Mas não dá, tem esse aí.

(Aponta o filho. Silêncio.)

ROQUE

Leve as roupas, ganho outras.

(Dá as roupas. Rodrigo pega sem dizer nada.)

Você está com dinheiro?

RODRIGO

Pra alguns dias, companheiro.

(Dá uns passos. Pára.)

Esqueça aquelas pancadas.

ROQUE

Esqueço. Foram bem dadas.

(Rodrigo vai saindo.)

Rodrigo, nem sei que digo...

Nós vamos lá pro Pontão nos corumbas dar pancada até eles aprenderem que cada um enfrenta o diabo na sua área marcada.

115

RODRIGO

Mas você não disse que eles vêm com uma fome lascada?

ROQUE

Disse... mas você também vai passar fome lá fora... Não sei, não sei mais de nada....

RODRIGO

Tenho medo da polícia. Este filho desgraçado me nasceu no mês passado.

ROQUE

Vamos antes da polícia. A gente expulsa os corumbas pra muito longe daqui.

(Um tempo. Rodrigo olha a mulher. Larga as coisas. Pega um porrete. Saem. Brás pega as roupas que ficaram no chão. Fala com a mulher.)

BRAS DAS FLORES

O que está no chão não tem dono, não.

(Reversão de luz. Cena vazia.)

VOZES (Off.)

Sai fora. Fora daqui!
Vê se volta pra tua terra.
É, comigo ninguém berra.
Daqui eu não saio, não!

(Um corumba entra em cena, atarantado.)

Ei, olha um fugindo ali.
Escapou um lambari.

(Entram Rodrigo, Camponeses, Roque e Brás. Caem de pau no corumba.)

ROQUE

Ei, pára de bater, pára o festival de pancada!

(Param. Roque se abaixa.)

É você, Joca Ramiro?

BRAS DAS FLORES

É ele, sim, desgraçado.
Fui despedido porque por ele fui delatado.

(Dá pancadas espaçadas na cabeça de Joca Ramiro. Joca fala baixo. Quase sem forças.)

JOCA RAMIRO

Mas eu não sou mais soldado.

ROQUE

Pára de bater, senão não escuto o relatado.

(Brás pára.)

JOCA RAMIRO

Melhorou, muito obrigado.

(Brás dá uma última pancada.)

ROQUE

Você também é corumba?

JOCA RAMIRO

Na minha corporação
faltou numerário pra
pagar toda a guarnição.
O jeito foi demissão
e fui logo demitido...

ROQUE

Quem mais veio?

JOCA RAMIRO

Neno, Cosme,
Dirceu, Chico, Severino,
Pedro, Miguel, Rivelino,
muitos que nem sei o nome,
Quim, Ataliba... que fome!...

(*Roque beija Joca.*)

ROQUE

Puxa vida, minha gente,
dentro disso tem um homem.

JOCA RAMIRO

Homem que beija outro homem
mesmo bem intencionado
fica logo mal falado.

ROQUE

Vem, vem comigo, vem, vem...

RODRIGO

Não, não, Roque, ele não passa.
Vai ser expulso também.

ROQUE

Pra êle morrer de fome?
Vem, vem comigo, vem. Tem
comida no barracão.

(*Levanta Joca. Vai levando-o. Os camponeses não são
capazes de reclamar. Abrem caminho.*)

BRÁS DAS FLÔRES

Vamos, vamos, gente. Tem
comida no barracão.

(*Olha o público maquievélico. Passam corumbas.*)

VOZES

Vâmo, vâmo, vem mulher.
Traz o menino e avisa
também o seu Xavier.

É muito arriscado homem.
Arriscado mais é fome.
Arriscado mais é fome.

(*Passam. Mortos de fome.*)

BRÁS DAS FLÔRES

Por favor, sim, meus senhores,
prendam a respiração.

Todos que têm bom olfato
não sentiram no ar o cheiro
de uma bruta confusão?

(*Reversão de luz. Roque entra, com uma garrafa na
mão, bêbado. O povo passa, carregado de coisas rou-
badas.*)

HOMEM

Anda, anda, mulher.
Polícia vem aí.

MULHER

Estou atrapalhada
com as coisas roubadas.
Olha quanta lata!
Azeite e marmelada.

(*Somem.*)

UM

Escute, nunca vi
um barracão assim
com tanto sortimento.
Tinha até esta cordinha.
Esta cordinha que espicha.

DOIS

Não é cordinha, é salsicha.

(*Somem. Entra Brás das Flores com três chapéus, três paletós, três calças. Sapatos e garrafas amarrados no pescoço.*)

BRÁS DAS FLORES

Vamos embora, Porfírio
foi para a vila inda agora
e vai voltar com a polícia.

ROQUE

Saiba que não tenho assunto
nenhum com policiais.

BRÁS DAS FLORES

Quem não se mexe é defunto.
A polícia vai vir mesmo,
o que se fez não se faz!
Devastaram o barracão!

120

Roubaram a carne e o torresmo,
mataram um boi e um capão.
É vandalismo! É pilhagem!
Veja, cheguei no armazém
só consegui roubar isto
que os ladrões levaram tudo
levaram o têrço e o amém.

ROQUE

Tou esperando o Rodrigo
que é meu amigo também.

BRÁS DAS FLORES

O Rodrigo já fugiu,
já deve estar em Belém.
Vamos...

ROQUE

Fugir? Ninguém some.
Se correr o bicho pega.

BRÁS DAS FLORES

Se ficar, o bicho come.

ROQUE

Se correr o bicho pega,
se ficar o bicho come...?
É interessante o problema,
vou meditar sobre o tema:
se correr, o bicho pega...
se ficar, o bicho come...
Já meditei...

BRÁS DAS FLORES

Bem, então
vamos, a noite já vem...

121

(Entram Nei Requião, José Porfírio e Policiais. Brás das Flores vê, sai correndo e cantando.)

Até logo, seu.

Sabe, me esqueci
que tenho outro encontro
com o Zebedeu.

(Roque não reparou, continua resmungando, triste "se correr o bicho pega, etc." José Porfírio aponta Roque. Os Policiais o prendem. Arrastam-no, Roque sai resmungando. Nei Requião vai saindo. Pára. Volta e diz ao público.)

NEI REQUIÃO

Com a prisão dêse ingrato
termina o segundo ato!

Terceiro Ato